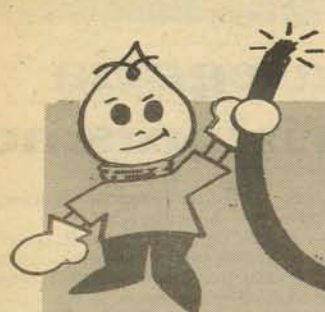
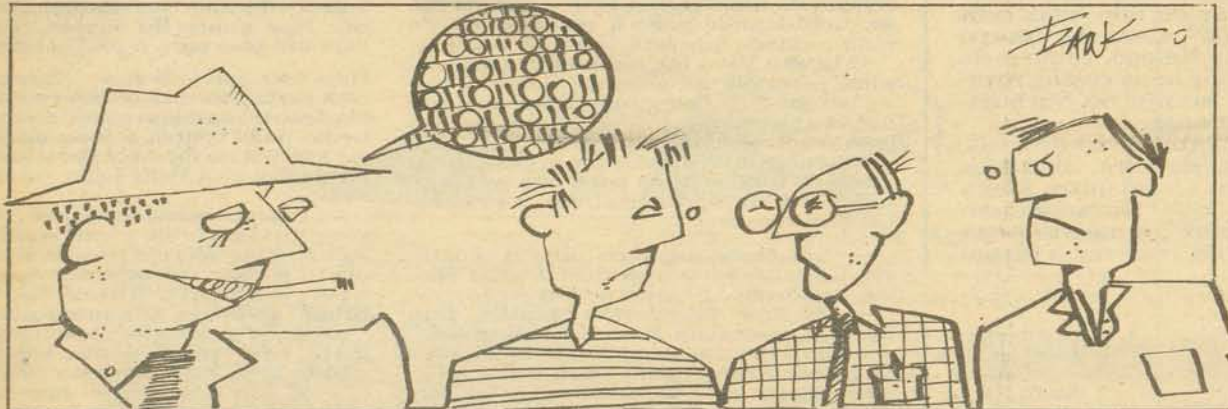




Linha Viva

SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

Nº 148
29/08/91



Celesc não tem posição sobre as reivindicações

A Intersindical aconselha: não acreditem em respostas que dizem "não tem posição definitiva". Foi com esta expressão ("não tem posição definida") que a Celesc respondeu a várias questões da nossa pauta de reivindicações e isto, avalia a Intersindical, significa que a posição já está clara, é **negativa**. Mas a direção vai esperar o momento adequado para dizer **não**. Vai deixar o tempo passar e tentar, com uma estratégia protelatória, fazer que a categoria não tenha capacidade de reagir com a mobilização necessária.

Estes "não tem posição definida" foram conhecidos na primeira reunião de negociação, acontecida na segunda-feira, conforme demonstrado no extrato da ata de reunião já distribuída a todos. Em questões de vital importância, como a Garantia de Emprego, a empresa se mostrou contraditória, quem sabe porque membros da atual diretoria, que já se beneficiaram dela, não poderem se pronunciar claramente contra. Por isto estariam esperando um momento como, por exemplo, da assinatura de um acordo parcial contemplando os itens econômicos e algumas cláusulas sociais, e jogando estas questões importantes para o dissídio coletivo, deixando nas mãos de um árbitro as divergências que a categoria pode resolver através da negociação e de sua intensiva mobilização.

A Celesc anunciou, na reunião de segunda-feira, a disposição de proceder modificações substanciais na cláusula da licença-prêmio, retirando da categoria direitos históricos. A Celesc quer ainda instituir uma cláusula sua: Piso Salarial de Referência que serviria de parâmetro para o cálculo de benefícios (auxílio funeral, auxílio alimentação, auxílio creche, salário-família, acordo, seguro). A Intersindical alerta que a criação deste piso salarial vai reduzir em 50% os benefícios hoje praticados. Por exemplo: o auxílio ali-

mentação em outubro seria inferior a 1.300 cruzeiros.

João Paulo de Souza, secretário da Intersindical lembra que a "perda da garantia de emprego, longe apenas de prejudicar o pessoal do Plano 3, como muitos pensam, prejudica imensamente o pessoal do Plano 1, que não poderão reclamar direitos na Justiça que são frequentemente negados pela empresa como periculosidade, horas-extras, equiparação salarial. Este fato, de saída, faz com que a empresa elimine, sem qualquer esforço, no mínimo 50% do passivo trabalhista, em discussão no Judiciário".

Por isto tudo a Intersindical avalia que em razão da conjuntura atual e do comportamento da diretoria a única resposta que temos é a mobilização. Os sindicalistas estarão frequentemente informando o resultado das reuniões de negociação com o objetivo de colocar a categoria dentro do processo. A Intersindical joga todo peso na negociação, sustentada pela mobilização da categoria, e com o objetivo de formalizar o acordo. Porque só o Acordo interessa a categoria!

"Negar o processo de luta pensando no dissídio coletivo", alerta João Paulo, "é aceitar de antemão perdas de direitos e benefícios como aconteceu em 90, quando o Tribunal, acatando a legislação collorada, infligiu uma perda de 64,51% aos salários. Além disso a estratégia da empresa vai ser de jogar como lhe aprouver com a divisão da categoria, dando guarida a outras entidades sindicais que oportunisticamente apresentaram pautas. Isto leva também confusão à categoria e a possibilidade de exploração por parte da empresa".

Todas segundas e quintas-feiras acontecerão reuniões de negociação com a empresa. Cada sindicato vai informar no dia seguinte, nos locais de trabalho, o que foi discutido e tirar encaminhamentos para sustentação da mobilização e da luta.

SETOR ELÉTRICO

IV Enel definiu o calendário da campanha salarial

Está definido o calendário de lutas para a campanha salarial deste ano na Eletrosul. Até dia 5 de setembro deve ser aprovada a pauta nacional, que será encaminhada à Eletrobrás no dia 9 de setembro. O início das negociações está marcado para os dias 17 e 18 de setembro e a assembléia nacional — que vai apreciar a contra-proposta — acontecerá no dia 23 de setembro. Este calendário foi aprovado no IV Enel (Encontro Nacional dos Eletricitários) realizado dias 24 e 25 de agosto em Lousiânia, Brasília. A necessidade agora é antecipar ao máximo a campanha deste ano, decidiram os participantes do encontro que foi um sucesso, com a presença de 200 delegados.

Pela primeira vez, Florianópolis sedia, na quinta-feira, dia 29 de agosto, um encontro do Comando Nacional, que vai estar aqui para a redação final da pauta nacional. O encontro ficou marcado no Enel que decidiu que a campanha será centralizada nas seguintes questões: a reposição das perdas, a criação de uma política salarial para o setor, a garantia de emprego, a reintegração dos demitidos e a defesa do setor elétrico nacional. Estas questões serão desdobradas em 11 itens de pauta, cujo eixo principal de luta é a estabilidade e reposição salarial.

No fim de semana em Lousiânia, a grande preocupação externada foi na forma de envolver a sociedade nas lutas do setor. Ficou clara a necessidade de se realizar uma ampla mobilização nas bases e buscar um compromisso do Congresso Nacional através de suas comissões de Energia e Trabalho. De positivo, num balanço do último ano, os participantes do Enel consideraram que, apesar da iniciativa das empresas de atingir os eletricitários, houve um grande salto de qualidade e de organização nas lutas e a unidade que se está construindo é promissora.

Para melhorar a atuação do Comando Nacional foi levantada a necessidade de uma centralização e melhor distribuição de informações e por isto será criada uma secretaria de comunicação. Outra necessidade apontada foi da criação de um fundo específico para o comando, tendo em vista que nas duas últimas campanhas as despesas foram bancadas pelos próprios sindicatos. Para este primeiro suporte ficou decidido que serão tirados dos recursos dos sindicatos 500 cruzeiros por trabalhador e mais 3% da receita de cada sindicato.

Foi também aprovado a manutenção do atual sistema de funcionamento do Comando Nacional, que continua a não ter uma estrutura formal, ou seja trabalhar quando há movimento, sem a sua transformação em um órgão.

Por último, foi decidido, por unanimidade, pela plenária, a entrega de um manifesto a todos os Deputados e Senadores, como também, da publicação do mesmo nos principais jornais do país, exigindo a aprovação em regime de urgência de um salário mínimo justo e de uma política salarial digna para todos os trabalhadores.

ELEIÇÕES NA CELOS: A Intersindical tem candidatos.

Ministro recebeu carta da Intersul

Na sexta-feira, dia 23, a Intersindical, em conversa com o ministro da infra-estrutura, João Santana, e fez um relato completo do que está acontecendo na Eletrosul, os "efeitos" da reforma administrativa e as dificuldades com o senhor Gazaniga, que se nega a receber o sindicato e sequer responde correspondências a ele endereçadas.

O ministro acabou dando mais atenção aos sindicalistas, que falaram por vários minutos não só a Santana como aos presidentes da Eletrobrás e ao governador Kleinübing. Depois de ouvir o relato dos sindicalistas, Santana disse que não acreditava no que estava ouvindo.

CAMPANHA SALARIAL

Bancários fazem greve dia 11

Os bancários de todo o país prometem entrar em greve no próximo dia 11 se, até lá, a Federação Nacional das Associações de Bancos (Fenaban) não apresentar à categoria uma proposta de reajuste salarial que reponha as perdas acumuladas pelos trabalhadores desde setembro de 1989 e que chegam, em alguns segmentos, a 516,32%.

A data do início da paralização foi marcada no último sábado (24) durante o Encontro Nacional dos Bancários, que reuniu 2 mil pessoas em São Paulo. As negociações com a Fenaban começaram em 26 de julho, quando os bancários entregaram aos banqueiros uma proposta de pré-acordo estabelecendo a livre-negociação entre as partes para a campanha salarial de setembro — data-base dos bancários.

A proposta reivindica que a Fenaban garantissem a manutenção da data-base em setembro, não ajuizasse dissídio coletivo na Justiça do Trabalho, prorrogasse as normas vigentes nos acordos coletivos atuais até a assinatura de novo acordo, e concordasse com o estabelecimento de uma mesa única de negociações com todos os segmentos — bancos privados, estaduais e federais, que desde 1985 têm negociações em separado —,

do e chamou Gazaniga, que estava afastado do encontro. O ministro foi direto ao assunto: "O sindicato diz que não consegue conversar contigo. Como é isso?" Bruscamente, sem sequer fazer menção de se dirigir à Intersindical Gazaniga respondeu: "se for com disposição de conversar eu falo, mas com agressão não", e sem dar tempo de iniciar o diálogo, como é de seu estilo, virou as costas rapidamente e sumiu no burburinho da imprensa.

O Presidente da Eletrobrás, José Maria Siqueira, disse aos sindicalistas — em outra longa conversa — que "Gazaniga tem que conversar", e mostrou sua disposição de resolver a situação.

com mesas complementares para as especificidades dos segmentos. A proposta de pré-acordo para livre negociação foi apresentada também às diretorias do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Associação Brasileira dos Bancos Comerciais Estaduais (Asbace).

A proposta foi recusada pelos banqueiros, mas, as negociações com a Fenaban têm servido de patamar mínimo para todos os bancos. "A categoria está vendo nas negociações com a Fenaban a mesa única reivindicada pelo pré-acordo", diz o presidente do Departamento Nacional dos Bancários, Ricardo Berzoini.

Os bancários têm perdas salariais distintas conforme o segmento. No Banco do Estado de Santa Catarina, por exemplo, os salários acumulam perdas de 260,77% para a inflação acumulada desde setembro de 1989 (última data-base antes do Dieese. As maiores perdas estão nos bancos federais: os funcionários da Caixa Econômica Federal têm os salários arrojados em 516,32%, e os do Banco do Brasil em 510,14%. A Fenaban até agora não se manifestou em relação a índices de reposição salarial para a categoria e esse é o principal motivo para a greve da categoria.

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricistas de Santa Catarina que tem 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Glauco Marques. Editores: Gastão Cassel (047) 6166 e Marli Cristina Scamozzin. Ilustração: Franck Maia. Impressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis, SC. Fone: (048) 22-3886. Telex: 48-2555. Fax: 23-5596. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Pesquisa: categoria não aceita divisionismo

A grande maioria dos funcionários da Celesc pensa que o surgimento de várias pautas de reivindicações para a campanha salarial deste ano enfraquece e divide a categoria. É verdade, mas, por mais incrível que pareça, por causa desta situação está florescendo a discussão política dentro da empresa, todo mundo está refletindo mais seriamente e alguns até se mobilizando para a reconquista de uma unidade que estaria sendo perdida.

O Linha Viva fez, na semana passada, uma pesquisa na sede da Celesc sobre o assunto. Duas perguntas básicas foram feitas a todos: por que você acha que isto está acontecendo e quais os reflexos. Nossa intenção foi entrevistar um grande número de funcionários para que os resultados fossem representativos. As respostas foram estas:

— Não tenho noção do que vai acontecer. Cada um tem a sua ideia. Dimas Santos, motorista, 10 anos na Celesc.

— Tô fora. Não tenho opinião. Ézio Ludwig, motorista, 5 anos na empresa.

— Se fosse um só sindicato teria mais força para reivindicar para todos. Não tem que ter esta discriminação. Os próprios funcionários superiores discriminam. Albenir Miguel Raulino, conservador de instalações, 12 anos de empresa.

— Acho que assim como o engenheiro, a secretária, nós tínhamos que ter o nosso sindicato. Agora, se fosse tudo junto até seria melhor. Todos lutavam por um objetivo. Isto não acontece por falta de divulgação, de palestras. Adir Belarmino da Silva, assessor administrativo, 16 anos.

— Isto é por causa de uma divisão de lideranças no sindicato representante da classe, na Intersindical. Pessoas que tinham uma postura com a antiga gestão, agora estão mais neutros, parados. Ai surgem outros sindicatos. É ruim. Unidos somos mais fortes. O que está faltando é motivação natural, algo que fizesse as pessoas se unirem. Uma liderança nata, reconhecida por toda a classe, que tivesse carisma e habilidade pessoal e conceitual

grande. Rubens Otávio Viana, economista, 24 anos de empresa.

— Cada categoria tem que brigar por seus interesses. A Intersindical não briga. Nossa pauta, no geral tem a mesma espinha dorsal que a da intersindical, mas existem também cláusulas específicas. Eu sempre falei isto: a pauta deve trazer algumas reivindicações específicas. Mas nunca fui ouvido. Nunca pediram um piso para o profissional liberal.

Hoje está sendo pedido. Nunca pediram uma pericia técnica de um economista numa ação trabalhista ou em contratos. Não tenho nada contra a Intersindical. Pode ser até que no futuro a gente se encontre. Paulo Roberto Polli Lobo, economista, 9 anos.

— Acho péssimo para o acordo, por razões óbvias: divide a categoria. Não formei opinião sobre o porquê disto. Só não quero pensar que seja por descrédito ao nosso sindicato. Tânia Maria Souza Stupp, assessora administrativa, 9 anos.

— Acho a desintegração total da categoria. Isto vem da gestão passada e não é bom. Vera Rosa, analista DRG, 10 anos.

— É um desgoverno provocado pela empresa, que vem recebendo as outras categorias, provocando a desunião. É uma pelegrada desgraçada, que pega os caras chaves para formar estes sindicatos. Tudo para acabar com o sindicato dos eletricitários. Adenir José Lins, assistente administrativo, 16 anos na empresa.

— Na época que entrei na Celesc, a gente se considerava uma família. Tínhamos nossos problemas, mas a união era nosso maior trunfo. Isto foi morrendo e houve situações que até aconteceram coisas negativas. Hoje não somos mais unidos. Isto facilita até a privatização. E não estamos percebendo, dando importância para isto. Isto não está bom. Marcia Azevedo de Mello, psicóloga, 11 anos.

— É uma estratégia para enfraquecer o movimento sindical. Busca a fragmentação da categoria. Um sindicato tem que



tomar a iniciativa e agregar, unir as forças. Terezinha Sacramento, analista RH, 10 anos.

— Acho isto um horror, vai dividir a categoria. O porquê não sei. De repente as outras categorias acham que tem mais forças enquanto grupos. Mas eu me pergunto: o que toda aquela categoria está pensando? Nunca participei das assembleias deles. Será que todos concordam? Silvana Búrgio, analista RH, 11 anos.

— E o enfraquecimento da classe bem na época de dissídio. Surgiram porque visam o interesse de alguns e não o de todos. Como categoria até brigo pelo plano de carreira. Mas não admito isto em época de dissídio. José Carlos Bento, técnico contábil, 10 anos.

— É negativo. Divide, cada um puxa para seu lado. José Carlos Soares, técnico contábil, 19 anos.

— É bom cada um ter a sua. Mas, na empresa, 60% é bagrinho e somos nós que levamos a empresa. Por isto não é bom dividir. Os grandes ganham mais e só olham o lado deles. Todos devem lutar por todos. Francisco Carlos Maia, auxiliar de administração, 19 anos.

— É para brigar por interesses só deles. Começou com os engenheiros, por causa da tabela da URP. Desarticula o movimento sindical, justamente perto do dissídio. Eliane Caparelli, contadora, 11 anos.

— Não tenho desejo de separar, mas como o sindicato dos eletricitários não atende as pautas da classe, não tem outra solução. Tá todo mundo na mesma luta e isto não nos enfraquece. Na mesa de discussão vamos estar todos do mesmo lado. Jorge Abouhatem, contador, 3 anos.

— Tem gente sempre à sombra do poder, que não tem formação nenhuma. Eles têm é jogo de cintura para formar sindicatos e aliciar companheiros. Na prática não tem pauta. Usam indevidamente o nome de uma categoria alheia às assembleias esdrúxulas que fazem para dividir a categoria. A Intersindical deveria fazer um abaixo-assinado e entrar na Justiça, para impedir que sentem na mesa de negociações. João Ricardo Machado, contador, 10 anos.

— Tem pessoas que não concordam com o sindicato dos eletricitários ou tem interesses diferentes. Isto pode trazer divisão e dificultar as negociações. Estamos fazendo um movimento para evitar um racha maior. Queremos retirar os

contadores do sindicato. Agora não tem mais tempo para juntar com os eletricitários, mas pelo menos não participar da mesa de negociações. Luiz Audi Berto, contador, 15 anos.

— É péssimo. É falta de integração que divide o sindicato majoritário. O porquê é o famoso "Venha a Nós o Vosso Reino". Emília Biachinni, secretária, 15 anos.

— É ruim. Divide muito. É provocado pela disparidade salarial. Luciane Silva, secretária, 10 anos.

— Começou quando o Sinergia abandonou os maiores salários. O pessoal se sentiu relegado. No caso dos engenheiros, o abandono da Intersindical é nacional. As classes mais esclarecidas formaram seus sindicatos e fica cada um com uma posição. É um erro que favorece a empresa e não os empregados. Juscemar Simões, engenheiro, 10 anos.

— Surgiu por causa dos descontentamentos com os reajustes maiores para os menores salários. Depois veio a URP em tempos diferentes. Acho isto ótimo. Estas pessoas antes não se mobilizavam. Então é positivo porque todas as classes estão mobilizadas. Espero que se ande junto por caminhos separados. Rogério????, engenheiro, 15 anos.

— Não é bom. Mas o que aconteceu é que apesar de todos terem as mesmas perdas os salários maiores não encontraram mesma proteção que os salários pequenos. Infelizmente no nosso país existem diferenças. Tem que se procurar soluções. O mais favorecido nisto tudo vai ser a empresa, infelizmente. Unidos somos mais fortes apesar de termos nossas diferenças. Diferenças possíveis de serem resolvidas. Se tivermos bom senso não vamos fazer de cada passo um cavalo de batalha. Se isto acontecer não vamos construir nada. O resultado disto tudo vamos medir daqui dois ou três meses. Espero que todos aprendam com isto. Pedro Pascoal de Souza, engenheiro, 24 anos.

— A explicação é óbvia: é a URP. Acharam que separados conseguiriam diminuir o prazo de receber o dinheiro. Estão pouco ligando para as lutas da categoria. É um ato de safadeza, que divide a classe no momento que tem que estar mais unida para enfrentar o dissídio. Não são representantes sindicais. São pelegos. Nunca foram às nossas assembleias no sindicato, nem que fosse para votar contra. Elton Pinheiro, assistente administrativo, 12 anos.

TRIBUNA

livre

Discriminação no CeFa (DPCP)

Sérgio Luiz Trainotti
Empregado da Celesc

Para os companheiros que defendem os mesmos tratamentos sociais e também os econômicos, dirijo-me você já para externar meu descontentamento quanto a atitude das chefias do DPRH/DVSM.

Faço referência ao adicional de periculosidade de forma injusta e arbitrária, sem saber claramente minha função, o chefe da DVSM, Senhor Cleomir, retirou o adicional de periculosidade de 30% que faço jus.

Quero deixar claro que eu exerço atividade de risco, ministro treinamento para eletricitistas de redes de distribuição e meus companheiros do trabalho recebem de forma justa o referido adicional. Sinto que este tratamento discriminatório tem a ver por eu ter exercido chefia de setor na administração anterior.

Fico preocupado com estas atitudes, pois os catarinenses estão pondo nas mãos dessas pessoas "ilustres" a administração de uma empresa estatal. Com esta atitude a empresa está criando deliberadamente passivos trabalhistas perfeitamente visíveis em qualquer instância judicial. Enquanto isso, o Diretor Administrativo prega que outros gerentes evitem o referido passivo trabalhista. Sinto que a empresa não tem uma política clara e definida quanto aos critérios para ver quais os empregados que realmente têm direito ao adicional. A crédito, se isso fosse bem definido, que a empresa não teria tantas ações contra ela.

O que eu sinto até agora é que o senhor Cleomir se preocupou exageradamente em retirar os adicionais de periculosidade dos empregados sem ter um mínimo de lucidez nas suas ações.

Acredito que o celesquiano não pode deixar passar em branco esses fatos, pois atrás deles virão outros que poderão prejudicar os empregados e a empresa. Devemos clarear os fatos e denunciar todas as irregularidades do setor público. Só assim poderemos salvaguardar o patrimônio público e a dignidade funcional.

A era dos Robôs

Hélio Bonfim Coimbra
Diretor do Sinergia

O mundo vem evoluindo através dos tempos, e atualmente estamos na era da CIBERNÉTICA, Informática e Tecnologia Avançada. Portanto, estamos na época em que a máquina faz tanto ou até mais que o homem.

Quase tudo o que é feito, tanto na agricultura como na pecuária, comércio e indústria, depende não apenas do homem, mas também da máquina.

Na verdade, é quase tudo feito por ROBÔS. Para citar alguns exemplos já temos máquinas eletrônicas de datilografia, computadores diversos, máquinas montadoras na indústria leve e pesada, guindastes e etc.. Todos são tipos diferentes de ROBÔS.

Um tipo de ROBÔ que é usado há muito tempo, em qualquer cidade, é o elevador. A pessoa chega num edifício, aperta o botão e a porta abre; aperta outro, e o elevador sobe ou desce. Em alguns edifícios o elevador ROBÔ até fala.

Conviver com ROBÔS já está se tornando normal, e é bom irmos nos acostumando, pois com a evolução esta integração tende a crescer.

Até aí tudo bem. Agora o que não podemos admitir é que "ELES" tomem conta de tudo.

E o que mais nos preocupa é que existem algumas empresas, que já estão sendo administradas por ROBÔS. E o pior é que existem péssimos ROBÔS. Tem os mal intencionados, os insensíveis, os incompetentes, etc.

São esses ROBÔS, que estão administrando algumas empresas do país, esquecendo que também "ELES" dependem de pessoas humanas, que toda empresa depende de seus empregados, e que esses empregados dependem de uma boa remuneração, de segurança, saúde, lazer, etc.

Esses ROBÔS pensam só em números, lucros, tarifas e em si próprios.

Eles devem aprender que havendo investimento nos recursos humanos os números e os lucros crescerão ainda mais.

Se estamos na era dos ROBÔS, os ROBÔS devem estar ao lado dos empregados, nos locais de trabalho e nas linhas de produção, mas em cargos de direção NUNCA!!!

Não seria agora à hora de colocar GENTE competente e responsável em alguns cargos de direção de empresas importantes?

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

SUS só funcionarão se comunidade participar

LINHA aberta

"Democratizar o Sistema Único de Saúde" é a expressão mais presente na lista de propostas que serão defendidas pelo 56 delegados de Florianópolis e Região na etapa estadual da IX Conferência Nacional de Saúde, em setembro. O documento com as propostas é síntese das discussões da etapa regional - que ocorreu em 16 e 17 de agosto no plenário da Assembléia Legislativa em Florianópolis - e reserva lugar especial para uma intervenção concreta do SUS em relação à saúde nos ambientes de trabalho.

A etapa regional da IX Conferência Nacional de Saúde teve a participação de quase 200 representantes de 12 dos 21 municípios da Grande Florianópolis 10 sindicatos de trabalhadores participaram com delegados. O tema da Conferência Nacional, discutido a partir de cada cidade é "Saúde: Municipalização é o caminho". Durante os dois dias do encontro na capital, os delegados discutiram financiamento, gerência, recursos humanos e controle social do Sistema Único de Saúde.

Aumentar a participação da comunidade na gerência e controle do SUS foi a proposta principal da etapa regional da Conferência - "a etapa mais próxima da realidade da população", segundo o secretário do Ministério da Saúde, que discursou na abertura do encontro, na manhã do dia 16. Os delegados defenderão a escolha dos gerentes do SUS com a participação da comunidade através de sindicatos, entidades comunitárias e grupos específicos de usuários - e de trabalhadores do serviço. A escolha atingiria todos os níveis de gerência tanto no

município como no estado, exceto para os cargos de secretário de Saúde e assessores. A participação de representantes da comunidade também se efetivaria no planejamento, coordenação e definição de ações de saúde executadas pela equipe de saúde local.

Democratizar, para os participantes da etapa regional da Conferência, significa também multiplicar nos meios de comunicação as informações sobre saúde, direitos da população, objetivos da municipalização, e nos princípios da ação governamental. Além disso, a etapa regional propõe e garantia de conhecimento pelo usuário das informações, registros e documentos relativos à sua saúde.

Os delegados aprovaram, também, as propostas da Comissão Intersindical de Saúde em Ambientes de Trabalho (Cisat). O SUS deve assumir, conforme a proposta, progressiva e integralmente a vigilância sanitária efetiva do meio ambiente e dos locais de trabalho - tendo em vista a importância das condições de trabalho no provocation de doenças. Essa atribuição começaria a ser executada a partir da elaboração de um programa de saúde do trabalhador, que garanta o melhor encaminhamento às pessoas com suspeita de portarem doenças vinculadas a processos de trabalho.

A etapa regional discutiu, também, a situação dos conselhos municipais de saúde. Os delegados de Florianópolis elaboraram uma proposta de projeto de lei que será encaminhada à Câmara de Vereadores, a respeito da composição, competência e funcionamento do conselho.

A proposta estabelece a participação partidária de usuários e prestadores de serviços de saúde no conselho. Do lado dos usuários, os delegados propõem sete representantes de organizações populares, quatro de entidades sindicais, um de entidades patronais e um dos portadores de deficiência e dos doentes crônicos. Do lado dos prestadores de serviço, os delegados propõem a participação de dois representantes do governo estadual (um da Sudema e um do SUS), três do governo municipal (sendo um ao menos da secretaria de Saúde), um da Universidade Federal de Santa Catarina, três de sindicatos e associações de profissionais de Saúde, três de sindicatos e associações de trabalhadores e um dos prestadores privados de saúde.

O conselho municipal de saúde teria a responsabilidade de definir a política de saúde do município, aprovar e fazer executar o plano municipal de saúde. O conselho fiscalizaria, também, a aplicação das verbas - a etapa regional aprovou proposta definindo o percentual de 10% sobre os orçamentos de municípios, estados e da União para os investimentos na saúde.

A etapa estadual da IX Conferência Nacional de Saúde acontece em 14 e 15 de setembro em Florianópolis. A Conferência Nacional está marcada para a semana de 18 a 22 de novembro, em Brasília.



Você conhece a Sbornia? Não as noites de bebedeira, etc e tal, mas aquele país que tem como regime de governo o "anarquismo hiperbólico". É um país que desgrudou-se do continente após ter sido invadido pela tribo dos Menudos e infestado pelo lixo cultural. A história deste país é contada de maneira original na peça Tangos & Tragédias, encenada escrita e composta por Nico Nicolaiski e Hique Gomes, gaúchos que fazem sucesso com o espetáculo desde 1984. Quinta e sexta-feira Tangos e Tragédias estará no Teatro Álvaro de Carvalho, às 21 horas. Ingressos a Cr\$ 2,5 mil. Imperdível. Ingressos a venda no Sinergia.

Festival da magia: sinal dos tempos

Florianópolis sediou neste mês de agosto (não por acaso em agosto) o Festival Nacional da Magia. A reunião de magos, bruxos e videntes de diversos cantos do país atraiu não só energias cósmicas, mas alguns milhares de interessados e curiosos, que buscaram nas cartas de Tarot, nas linhas das mãos, nos búzios e nos astros, desvendar os mistérios de sua vida e visualizar seu destino.

Esquecendo os contratempos ocorridos entre os místicos e os crentes, que tentaram exorcizá-los distribuindo o Novo Testamento, pode-se dizer que o Festival foi um sucesso, principalmente de público.

Mas por que, afinal, as pessoas procuram, hoje em dia, com muito mais frequência o misticismo? Por que multidões têm consumido todo tipo de artigo com a marca da "espiritualidade"? Proliferam livrarias esotéricas em todas as grandes cidades (na última Bienal do Livro, em São Paulo, quase metade dos volumes vendidos versava sobre ocultismo). Paulo Coelho, num país de analfabetos, tem mais de um milhão de leitores. Vendem-se pirâmides, incensos e cristais, numa febre consumista como qualquer outra. No próprio Festival misturou-se de tudo como numa feira, pois além das "tendas", havia um próspero comércio de objetos, que ia desde pedras pedrinhas de sorte até telas de artistas famosos.

Há quem afirme tratar-se do fi-

nal dos tempos. Prefiro os que falam em **sinal** dos tempos. Explico: encontrei à venda, em Curitiba, uma camiseta com os dizeres: Freud morreu, Marx também. E eu não estou me sentindo bem". Isto resume e exemplifica a perda do sonho, o abandono da utopia. O ideal de felicidade total do ser humano está muito longe do que imaginou Thomas Morus.

A humanidade sonhou com a possibilidade do socialismo, uma sociedade sem classes, onde o homem não seria movido pela ganância de riqueza material, mas onde cada indivíduo contribuiria segundo sua capacidade e receberia de acordo com sua necessidade. Mas as experiências do Leste Europeu resultaram em colapsos desastrosos.

Vivemos hoje constantemente ameaçados. O planeta tem estocado milhares de armas nucleares, capazes de fazê-lo explodir dezenas de vezes se necessário fosse. A poluição atmosférica ameaça matar-nos por sufocamento. A contaminação química de alimentos põe em risco nossa saúde. A inflação galopante e o desemprego maciço perturbam cotidianamente nossa existência. Os acidentes de trânsito e o recrudescimento de crimes violentos já podem ser considerados epidemia. A miséria e a fome atingem parcela cada vez maior da população.

A impotência do homem diante deste quadro tão grave coloca a busca da religiosidade como uma saída.

E nestes momentos que a espiritualidade ganha corpo e o misticismo faz adeptos. Muitos voltam a buscar na religião (**religare**, em latim) o seu sentido original, de colocar o homem em convivência harmônica com os outros homens, com a natureza, com o Cosmos e consigo mesmo.

Entretanto, na sociedade de consumo, o esoterismo (que era aquilo que era ensinado em círculos restritos, aos iniciados) tende a virar cultura de massa e o que é pior, tornar-se bem de consumo, tão descartável quanto um copinho plástico. Já existem softwares que jogam tarot e I Ching, bastando para isto apertar um botão do seu micro.

O que a humanidade levou quatro, cinco mil anos construindo, destruiremos e consumiremos neste final de século com a voracidade e o poder de destruição de joguinhos de vídeo game. Não posso partilhar com isto, pois encaro esta onda mística como busca de enriquecimento interior, no caminho da formação de uma nova relação entre os homens: fraterna e solidária.

Segundo o budismo original, estamos no Mappô, momento em que a humanidade situa-se diante da **treva total**. Mas é exatamente neste momento que somos capazes de ver, do outro lado, a luz brilhar em seu esplendor!

Paulo Sá Brito
Empregado da Celes